

# Pacientes se queixam de espera

*Hospitais cheios e desaparelhados transferem os doentes para serem atendidos em outros estabelecimentos*

Roberto Fonseca  
Especial para o Correio

**S**ofrimento. Espera. Medo de não ser atendido. O pedreiro José Gonçalves de Oliveira, 28 anos, morador do Jardim Ingá, sentiu na pele o poder da burocracia nos hospitais. Passava das 21h de domingo quando chegou ao Hospital Regional do Gama. Havia sido atropelado fazia pouco tempo. "Estava no Ceú Azul (GO), quando um veículo me acertou", diz ele. "Meu calvário começou a partir daí. Fui encaminhado para Hospital de Base, onde o médico me mandou de volta porque não tinha as requisições corretas", lamenta ele.

José Gonçalves só foi liberado às 10h15 da manhã de ontem. "Estou acordado até agora. O problema maior foi encontrar alguém para me levar embora", fala. Com os olhos cheios de cacos de vidro, o pedreiro não consegue disfarçar a dor: "Doí tudo, não fiquei parado um minuto. Só preciso de um pouco de atenção".

Acostumado com a demora no atendimento, o pintor Erinaldo Cândido da Costa, 26 anos, morador de Santa Maria, aguarda com paciência. Com a perna direita quebrada, reclama da fila. "Preciso voltar toda segunda-feira, o problema do HRG

é fazer a ficha (prontuário). Depois é mais rápido", fala. Esse é o drama de algumas das 845 pessoas que procuram, diariamente, a Emergência do Hospital Regional do Gama.

Mário Sérgio Nunes, diretor da Regional do Gama, diz que o quadro está mudando: "Quando assumi o cargo em setembro, tínhamos casos de pessoas aguardarem 12 horas para serem atendidas. Agora, a média está em 2 horas". Segundo o diretor, esse número se aproxima da realidade dos hospitais particulares. "Isso sem contar que damos prioridade aos casos urgentes. O que não acontece na iniciativa privada", revela ele.

O diretor informa que 40% das pessoas atendidas no HRG são oriundas do Entorno. Ele reconhece que o hospital tem algumas deficiências físicas e de pessoal. "Ficamos cinco anos sem concurso público, o que acarreta na falta de funcionários", diz ele. A Regional do Gama conta com 343 médicos, sendo que 266 no HRG. "O espaço físico do HRG não acompanhou o crescimento da demanda. Temos ciência de que é necessário ampliá-lo", completa.

O serviço de emergência do HBDF conta com 69 médicos, nos três turnos, que atenderam

Jorge Cardoso



*Dilma Lúcia, grávida de nove meses e dez dias: transferida do Hospital Regional do Gama para o HMIB*

mais de 234 mil pessoas em 1999. Dá uma média de 653 consultas por dia. De acordo com a assessoria de Comunicação, nos dias de maior movimento esse número chega a 950 pacientes, sem contar o ambulatorio.

## PARTO COMPLICADO

É longa a espera pela vida nos corredores de hospitais do Distrito Federal. Mulheres grávidas carregam seus filhos por meses que parecem mais longos na hora do nascer. Chegam aos hospitais e precisam aguardar — do lado de fora — o máximo possível até o último momento antes de dar a luz.

Não há leitos suficientes para que elas esperem chegar sua hora com algum conforto. Dilma Lúcia, 23 anos, espera há nove meses e dez dias o filho que ainda não tem nome. Durante o quinto e sexto mês de gravidez precisou tomar remédios para que o bebê não nascesse antes do tempo. Agora luta para conseguir vaga em algum hospital e teme que seu filho nasça tarde demais.

Sentiu tonturas e dores na barriga ontem assim que acordou. Saiu de Lago Azul, Goiás, de ônibus, acompanhada de mãe e marido rumo ao Hospital Regional do Gama (HRG). Chegou às 8h, conseguiu ser atendida às 12h.

Quase desmaiou na hora do exame de toque, "mas o médico disse que ainda não era a hora". Pediu para para ser internada mas ouviu que não havia vagas.

Perguntou se poderia ser submetida a uma cesárea e soube que só faria depois do dia 5 de abril, caso o bebê não nascesse por parto normal. Até lá, Dilma já estaria no décimo mês de gravidez.

Estava com dois centímetros de dilatação e continuava sentindo-se mal. Resolveu procurar o Hospital Materno Infantil de Brasília (HMIB). Ali, no "melhor dos piores do Distrito Federal", classifica o chefe da ginecologia e obstetrícia, Avelar Barbosa, referindo-se às instalações do local, Dilma foi atendida em menos de uma hora.

Mas a espera pela hora de ter seu menino continuou. Precisava chegar, pelo menos, aos quatro centímetros de dilatação. Estava com três, suave e mal conseguia caminhar, mas não podia sequer descansar em algum dos leitos, sempre cheios.